

## QUEM CONTA UM CONTO... UMA EXPERIÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DE FIGURINO DURANTE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

*A tale about mind ... An experience of costumes for use during storytelling*

Assis, Mariana Alvarenga Gois  
Graduada em Dança  
Universidade Federal de Viçosa  
mari\_alvarengaaa@yahoo.com.br

Bartolomeu, Tereza Angélica  
Doutora e Mestre em Engenharia de Produção  
Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa, MG  
angelica@ufv.br

### Resumo

Esta pesquisa foi realizada junto a um grupo de crianças atendidas numa instituição de educação infantil. Foi experimentada a contação de história de duas formas. A primeira realizada por um conhecido das crianças e posteriormente, pelo personagem principal da história, o Lobo Alex, devidamente caracterizado. O segundo momento foi rico de ações, reações e interações, configurando, o figurino, um importante elemento motivacional.

**Palavras Chave:** literatura infantil; contação de história; figurino.

### Abstract

*This research was conducted with a group of children enrolled in early childhood institution. The storytelling was tested in two ways. First performed by an acquaintance of the children and later by the main character of the story, Alex Wolf, properly characterized. The second moment was full of actions, reactions and interactions, setting, the costumes, an important motivational element.*

**Keywords:** children's literature; storytelling; wardrobe.

### Introdução

Nesse artigo serão relatados alguns dos resultados obtidos com a pesquisa, intitulada “*Quem conta um conto... Uma experiência com o uso do figurino na contação de história.*” A pesquisa de abordagem qualitativa, foi realizada no ano de 2013, junto a um grupo de crianças de 5 a 6 anos atendidas numa instituição de educação infantil da Universidade Federal de Viçosa, MG.

Por meio de pesquisa bibliográfica e de campo pretendeu-se fazer uma discussão acerca da utilização do figurino no momento de contação de histórias infantis.

De acordo com Abramovich (1997), Girardello (2003, 2004 e 2006), Sisto (2001, 2006 e 2007), a contação de histórias nas escolas pode ser realizada de várias formas, com livro, sem livro, com suspense, com emoção, com alegria, com sutileza... Entretanto, nos trabalhos dos autores referenciados nesse estudo, não houve menção do uso do figurino durante a contação de histórias.

Em levantamento bibliográfico foi possível detectar que há uma lacuna acerca de estudos que discutem a correlação contação de história e figurino. O que foi encontrado menciona de forma superficial a utilização do figurino no momento da contação de histórias (FOX, 1999 *apud* GIRARDELLO, 2006) e BUSSATO (2006).

Considerando a escassez de estudos que tratam da relação figurino e contação de histórias no âmbito escolar, propor-se verificar, comparativamente, como as crianças percebem a história contada sem a utilização de figurino e com a utilização de figurino relacionado ao personagem principal da história.

Para isso adaptamos a história "*Diário do Lobo: A Verdadeira História dos Três Porquinhos*", de Jon Scieszka a qual foi contada para um grupo de crianças de 5 e 6 anos.

Os sujeitos dessa pesquisa foram crianças atendidas na Unidade Integrada de Educação Infantil da Universidade Federal de Viçosa, MG a qual autorizou a divulgação do nome da instituição bem como imagens da realização das atividades.

## **1 Referencial Bibliográfico**

O referencial teórico utilizado para embasar as discussões foi baseado na teoria Psicogenética de Piaget (1978), discussões estabelecidas por Abramovich (1997), Girardello (2003, 2004, 2006), SISTO (2001, 2006, 2007) sobre a importância da contação de histórias e estratégias indicadas para contar e encantar crianças, bem como sobre a utilização do figurino em diferentes situações visando analisar o seu uso durante a contação de história.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2010), a palavra Figurino refere-se a uma figura ou desenho que representa modelos de traje. Para Leite e Guerra (2000), o figurino pode caracterizar um homem como um ser diferente dele mesmo: um ser que

traje não suas vestimentas, mas um figurino que o faz assumir um ‘personagem’. De maneira geral, os figurinos podem ser definidos como trajes que os personagens de uma produção artística utilizam para se apresentarem, independente da linha artística.

O figurino tem o papel primeiro de definir o personagem interpretado pelo ator, a segunda função é auxiliar a constituir o tema de todo o enredo. O figurino é capaz de transportar muitas informações, contagiando, provocando e principalmente transformando tudo e todos (GHISLERI, 2010 s/n). Ele permite definir a noção de tempo e espaço em relação a narrativa trabalhada, além de ajudar na caracterização do personagem, tanto fisicamente quanto em sua personalidade. O figurino modela o corpo do ator, transformando-o em personagem, inserindo-o no contexto do enredo.

Para Cunningham (1984, p.1) *apud* Ghisleri (2010) “o figurino é um traje “mágico”, um traje que possibilita, por um tempo, o ator ser outra pessoa. Ainda segundo Cunningham *op cit.* “o figurino é mais que uma simples veste, pois ele possui carga, mensagens implícitas visíveis e subliminares sobre todo o panorama do espetáculo possuem funções específicas dentro do contexto e perante o público.” Ou seja, o figurino traduz sentimentos, estéticas, vida, movimento, épocas, lugares, posições sociais, formas, cores e texturas.

Leite & Guerra (2002) ao discutirem a importância do figurino destacam-no como elemento que faz a ponte entre o artista e o público atuando como um comunicador temporal, social e afetivo.

Além de vestir os artistas, [o figurino] respalda a história narrada como elemento comunicador: induz a roupa a ultrapassar o sentido apenas plástico e funcional, obtendo dela um estatuto de objeto animado. Percorre a cena no corpo do ator, ganha a necessária mobilidade, marca a época dos eventos, o status, a profissão, a idade do personagem, sua personalidade e sua visão de mundo, ostentando características humanas essenciais e visando à comunicação com o público (LEITE & GUERRA, 2002, p. 62).

As vestimentas ou figurinos possibilitam que os indivíduos adquiram outras formas e transfigurem o próprio corpo. A existência da vestimenta é uma necessidade natural e cultural do ser humano, na qual satisfaz e produz uma esfera de significados em torno do indivíduo, dentro de um contexto, seja ele qual for. O figurino caracteriza o personagem para o autor dar-lhe a existência, ou vice versa. Dessa forma é possível atribuir a caracterização de cada figurino de acordo com o enredo, classe, gênero, época entre outras, em que se trata toda a temática de seu significado.

As discussões aqui apresentadas referem-se ao uso do figurino em Artes Cênicas, área de atuação dos autores que referenciaram essa discussão, mas e o figurino e a contação de histórias? E o figurino no momento de contação de histórias, o que nos diz a literatura?

Poucos foram os trabalhos nos quais foi mencionado e/ou discutido o uso do figurino ao contar histórias. Bussato (2006) relata suas experiências de contadora de histórias e menciona o uso do figurino nas seguintes circunstâncias:

Gosto de me apresentar às crianças como sou, pois isso me aproxima mais ainda delas. Acredito que me vestindo num personagem no momento em que deixar de ser aquele personagem, o vínculo contador de histórias e amante se perderá, pois a criança (o amante) amará o personagem e não a mim. Por essa razão prefiro que elas me amem exatamente como sou (BUSSATO, 2006, p. 31).

A referida autora complementa dizendo que:

Especializados na arte de contar histórias, muitos contadores vestem-se de algum personagem, fazem uso de algum apetrecho, tais como fantoches, bonecos de pano, garrafas plásticas, pedaços de algodão. Eles dançam, pulam e cantam. Suas roupas são coloridas. Ainda há aqueles que preferem contar sem usar nada e com suas próprias roupas (BUSSATO, 2006, p. 31).

Bussato aborda o figurino, mas nesse trabalho não se posiciona de maneira explícita sobre a importância ou não de seu uso. Já Fox (2006) em seu texto “A narração de histórias em sala de aula”, escrito em parceria com Girardello, apesar de não ter o objetivo no texto em discutir a utilização do figurino menciona um episódio em que usou uma fantasia de guerreiro para contar uma história. Uma fantasia, segundo ele, nada convincente, que não lhe deixou muito a vontade nessa atividade. Em função dessa experiência, Fox alerta que, pode não haver necessidade de o contador utilizar o figurino completo do personagem. Segundo ele:

um detalhe do figurino é suficiente para sugerir que o contador está prestes a se transformar em alguém diferente, assumindo um personagem diferente para contar a história. Esse recurso pode ser especialmente útil quando a contadora é a própria professora de classe: “Vou dar uma saída da aula – quando voltar, não vai ser eu, e sim... bem, vocês vão ver quem eu vou ser” (FOX, 2006, p.149).

Pelo breve comentário de Fox, podemos inferir que esse experiente escritor e contador de histórias, não se opõem ao uso do figurino para contar histórias.

## Metodologia

O primeiro momento da pesquisa constituiu em um estudo exploratório para aproximação com o tema estudado, a partir de literaturas especializadas. Em seguida, foi desenvolvida uma ampla pesquisa bibliográfica, que se estendeu ao longo de todas as etapas da pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada no segundo semestre de 2013. A partir dos dados empíricos coletados na realidade pesquisada, buscou-se elementos que confirmassem ou refutassem as indagações de que a prática da contação de história realizada a partir da caracterização do personagem narrador, por meio de figurino, poderia estimular as crianças ao visualizar o personagem da história.

Os sujeitos da pesquisa foram crianças de 5 e 6 anos da turma 5 da Unidade Integrada de Educação Infantil (UNIEI). Das 17 crianças atendidas, 16 participaram de todas as etapas de coleta dos dados. As crianças eram filhos(as) de estudantes, professores(as) e/ou funcionários(as) da Universidade Federal de Viçosa.

A pesquisa de campo consistiu na contação da história "Diário do Lobo: A Verdadeira História dos Três Porquinhos", de Jon Scieszka, a qual foi adaptada para as crianças. A referida história foi contada pela pesquisadora em dois dias diferentes, sendo no primeiro, de forma tradicional, sem a utilização de figurino. No segundo dia a mesma história foi apresentada sendo que a pesquisadora usava o figurino do personagem principal da história, o Lobo Alex.

O figurino do Lobo Alex, foi idealizado pela própria pesquisadora (Figura 1). O tecido listrado foi intencional, para remeter a roupa de presidiário, comum nas histórias infantis. No final da história de Jon Scieszka, o Lobo é preso.

Figura 1 – Figurino idealizado e executado (Viçosa, 2013).



Para introduzir a história no segundo dia, a pesquisadora informou às crianças quem não seria ela quem iria contar novamente e sim outra “pessoa”. Nesse momento foi explorada a imaginação das crianças, aguçando-lhes o interesse para que tentassem adivinhar quem poderia ser o contador da história.

Com o apoio da professora regular das crianças, a pesquisadora se ausentou da sala e retornou instante depois, caracterizada do personagem Lobo. Em seguida iniciou a contação da história.

Após a contação, em ambos os dias, as crianças realizaram uma atividade de desenho com o objetivo retratar o que mais gostaram da história, porém, no segundo dia as crianças também degustaram bolinhos de chocolate levados pela pesquisadora a qual disse terem sido feitos pelo Lobo Alex. Em seguida, as crianças participaram de um grupo focal.

## **Resultados e Discussões**

O primeiro dia de contação da história, realizado pela pesquisadora, foi no dia 16 de dezembro. No dia seguinte a pesquisadora retornou à instituição de educação infantil para realizar a segunda contação. A recepção da pesquisadora foi muito positiva por parte das crianças. Várias demonstraram estar ansiosas e curiosas para saber o que seria diferente neste dia. As crianças foram estimuladas a imaginar quem poderia ser o contador da história do segundo dia. Elas disseram ser o “Lobo”, e ressaltaram: “o Lobo Alex”. Algumas ficaram entusiasmadas, outras apreensivas, dizendo terem medo de lobos. Durante a conversa perceberam que se tratava de um Lobo legal e divertido.

Com a ajuda da professora responsável pela turma, todos foram para a área externa, local onde a história foi contada.

A entrada do Lobo na área foi cuidadosamente pensada para que nenhuma criança se assustasse e tivesse “medo” daquele personagem, numa tentativa de desconstruir a imagem do Lobo, que em toda história infantil é um personagem mal. Não obstante, a proposta da história "*Diário do Lobo: A Verdadeira História dos Três Porquinhos*" é, segundo o autor Jon Scieszka, contar “as injustiças sofridas pelo Lobo na história original dos ‘Três Porquinhos’ a partir da versão do Lobo”. Sua forma de entrada na sala, sua dança bonita, mas desengonçada e ao som da música “O Bom”

de Eduardo Araújo permitiu que a interação inicial do Lobo com as crianças atendesse ao seu objetivo que era fazer com que as crianças se sentissem à vontade para interagir com a história.

As crianças estavam sentadas no chão, uma ao lado da outra, curiosas esperando o Lobo entrar. Quando o Lobo apareceu dançando muitas crianças se assustaram, levantando e se afastando. Algumas seguraram em pilastras como forma de se protegerem. Aos poucos o medo foi passando, sendo substituído pela curiosidade de saber quem estava por trás daquela roupa assim como a diversão provocada com a dança desengonçada do Lobo divertido (Figura 2).

Figura 2 – Interação do “Lobo Alex” com as crianças (Viçosa, 2013).



Após ouvirem a história e comerem o bolo, as crianças fizeram desenhos representativos da história (Figura 3) e participaram do grupo focal. Com estas duas técnicas foi possível verificar a percepção das crianças sobre a história, e, do uso do figurino.

Figura 3 – Ilustração feita pela criança 6 para representar a história contada pelo Lobo Alex (Viçosa, 2013).



Se tomarmos como referência Abramovich (1997) e Girardello (2003), que discutem sobre a não utilização dos livros em alguns momentos de contação de histórias com a finalidade de aguçar o imaginário das crianças, uma vez que sem as ilustrações dos personagens e lugares, segundo as autoras, a criança pode exercitar mais sua imaginação, poderíamos supor que contar a história caracterizada por um dos personagens, poderia também impedir o desenvolvimento da imaginação e da criatividade da criança.

Entretanto, a fala das crianças confirmaram como foi importante “ver” a personagem, por meio do figurino:

*“Gostei, ele é real, igual nas histórias”* (Criança 3, 5 anos).

*“Gostei, imaginava um lobo diferente, mas esse é bonito”* Criança 12, 6 anos).

Nas ilustrações, várias crianças identificaram o Lobo a partir do figurino, o que confirmou o quanto foi significativo para elas “ver” o Lobo.

## **Considerações Finais**

Na pesquisa realizada com crianças de 5 e 6 anos foi possível analisar como as crianças percebem a história contada sem a utilização do figurino e com a utilização do figurino relacionado ao personagem da história.

Pôde-se verificar que, o personagem “saído da página do livro” e materializado por meio do figurino é um excelente motivador para as crianças estabelecerem maior interação com a história estimulando o imaginário das crianças. Este aspecto foi verificado na análise dos desenhos produzidos pelas crianças após a contação da história nos dois momentos, bem como nas brincadeiras.

Essa constatação se deu principalmente ao observarmos as crianças em momentos de recreação livre, após a contação da história. No primeiro dia, não foram identificadas brincadeiras nas quais o lobo estivesse presente, porém no segundo dia, o Lobo Alex “apareceu” em muitas brincadeiras dos meninos e das meninas. Algumas crianças brincaram de fazer bolo para a vovó, outras para a vovó do Lobo. Os meninos inseriram o Lobo no seu mundo de faz de conta, brincaram de luta, como se fossem o Lobo, de correr da polícia para não ser preso etc...

Portanto, pôde-se perceber que o figurino assume um papel importante, tanto para quem conta quanto para quem ouve histórias!

## Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIES, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1978.

BARBOSA, R; QUEDES, W. **Vestuário e infância: entre a adequação e as determinações sociais**. 2008. Disponível em: <[http://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_auspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/A100.pdf](http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A100.pdf)>. Acessado em: junho de 2013.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GIRARDELLO, G. **Voz, presença e imaginação: A Narração de histórias e as crianças pequenas**. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br/eventos/2007/conthistorias/artigos/anarracao.pdf>>. Acessado em: junho 2013.

GHISLERI, J. **Como entender a importância do figurino no espetáculo?** Disponível em: <<http://artes.com/sys/sections.php?op=view&artid=15&npage=3>>. Acessado em: julho 2013.

LEITE, A; GUERRA, L. **Figurino: uma experiência na televisão**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahra. 1978.

\_\_\_\_\_. **A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCIESZKA, J. **Diário do lobo: a verdadeira história dos três porquinhos!** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

SILVA, U. C. **Notas de aula da disciplina de história da indumentária do curso técnico em moda – estilismo**. Santa Catarina: 2009.

SISTO, C. **A literatura frequenta a escola... Mas quem conta as histórias?** In: PAROLIN, I. C. H. (Org.). **Sou professor! A formação do professor formador**. Curitiba: Positivo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.